

Casa da Camara de Guimarães — Desenho de Nogueira da Silva

Houve tempo em que a instituição municipal teve entre nós verdadeira importancia, chegando a representar uma das forças politicas do paiz.

Mas tão modesto era o viver dos portuguezes n'essa epocha, e tão singelos os seus costumes, que não deixaram padrões d'esse facto notavel da sua organisação social, além de memorias escriptas.

Em quanto nos Paizes Baixos e em parte da Allemanha se levantavam sumptuosos paços municipaes, que, ostentando a vaidade burgueza, commemoravam as franquias populares que alli se gozavam, os portuguezes, ciosos da sua liberdade, mas resumindo na inteira fruição de seus fóros todo o orgulho de homens livres, exerciam os importantes cargos do municipio em humildes edificios. Chamavam-lhes ordinariamente casa da camara, mas quando muito lhe davam o titulo de paços por unica nobilitação.

Entrado o seculo XV no seu terceiro quartel, rompeu aquella porfiosa lucta entre D. João II e a aristocracia, que terminou com a morte de dois principes, D. Fernando, duque de Bragança, e D. Diogo, duque de Viseu, que perderam a vida pugnando pelo feudalismo, o primeiro sobre um cadafalso erguido na praça de Evora, e o segundo em Setubal, dentro dos paços reaes, e sob o punhal del-rei.

N'esta questão só andaram travados os principios monarchico e feudal, porém, no triumpho alcançado pela realeza succumbiu tambem o principio popular. Das cortes de 1482 saíram — o poder real mais poderoso do que o fôra desde a fundação da monarchia; o feudalismo completamente vencido; e o elemento popular quasi de todo annullado como força politica do paiz.

Pouco mais tarde vieram os grandes descobrimentos, e as victorias e conquistas que assignalaram o fim d'aquelle seculo e os principios do seguinte. A Asia, vasando as suas riquezas nos cofres de Portugal, e o commercio polindo os costumes e derramando as luzes pelo trato dos estranhos, deram aos portuguezes novas condições de existencia. Introduziu-se o luxo, desenvolveram-se as artes, e começou de apparecer mais alinho no vestuario, mais conforto nas habitações, e mais grandeza e sumptuosidade nos edificios publicos.

Mas este impulso mal foi sentido pelas municipalidades. Não diremos que fossem absolutamente estranhas a todo este movimento, nem que deixassem de mostrar alguma vaidade na reforma dos seus paços.

Porém, quer reformando, quer edificando de novo, todas foram modestas, se não por virtude, por força de circumstancias, pois que já não tinham o poder e significação de outr'ora, nem dispunham de muitos recursos pecuniarios.

O que é certo é que por estas razões, e talvez por outras mais, filhas dos nossos habitos, não ha em todo o paiz um só palacio municipal digno d'este nome, e de uma instituição que devêra ter mais importancia e latitude que ora tem.

O edificio actual da casa da camara de Guimarães foi construido no principio do seculo XVI. As espheras armillares, que n'elle avultam sobre as janellas, alternando-se com o escudo das armas reaes, declaram por fundador a el-rei D. Manuel.

Não conserva porém este edificio todas as suas feições primitivas. Sendo reconstruido no seculo passado, fizeram-lhe as janellas segundo o gosto moderno, e coroaram-nas com os escudos das armas reaes, e com as espheras armillares, que até então se achavam collocadas na parede por baixo das ameias.

Está situada a casa da camara na *praça Maior*, ou de Nossa Senhora da Oliveira [1], para onde deita a frontaria principal, que se vê representada na gravura que juntâmos. Tem outra frente para a praça do Peixe, offerecendo communicaçaõ d'esta para a *praça Maior* pela arcada, que serve de base a todo o edificio.

Interiormente nada tem digno de menção. O exterior mostra-o a estampa com tanta exactidão, que não é preciso descrevel-o.

I. DE VILHENA BARBOSA.

CHRONICAS DO POVO

II

O SERVO

TRADUCÇÃO DE RODRIGO PAGANINO

(Vid. pag. 378)

IV

João não deixou a seu pae e a Catharina sem um vivo pezar; mas a esperança de adquirir fortuna com a qual podesse emancipal-os um dia, adoçou muito as amarguras d'esta separação. Arrancou-se dos braços d'elles com todo o animo, e seguiu caminho de Tours.

Até então não se tinha afastado da sua aldeia. Tudo pois que lhe apparecia diante dos olhos era novo para elle; mas quando o seu pasmo subiu de ponto, foi quando se aproximou dos arrabaldes da cidade.

Primeiro encontrou uma numerosa cavalgada de crianças, que vinham saindo. Um tendeiro a quem se dirigiu, disse-lhe que eram os professores, que saiam a passeio com os seus discipulos, conforme era de uso em dia de S. Nicolau. Mais adiante um pouco, viu dois doidos, faceis de reconhecer por terem os cabellos rapados, e estarem acorrentados á porta de um medico, que tratava da loucura, para lhe servirem de taboleta viva; tambem viu fidalgos que iam passando levando em punho gerifaltes e falcões, em quanto os burguezes para os imitarem levavam melros ou papagaios. Os trajos mesmo eram muito differentes dos que estava costumado a ver. Sapatos de ponta revirada quasi até á altura do joelho, barretes de panno forrados de pelles de martha ou de lontra, e fatos de duas metades differentes. Alguns senhores mais elegantes traziam duas espadas, uma de cada lado.

Finalmente chegou, não sem difficuldade, á loja de mestre Lourenço. Esta era então uma barraca apenas de taboas de pinho levantada nos arruamentos da feira de Tours, que tinha começado.

Mestre Lourenço era um homemsinho de modos prazenteiros e lhanos, sorrindo-se sempre, mas dissimulado e velhaco como poucos. A primeira coisa que fez, apenas o rapaz se lhe apresentou, foi conduzil-o ao logar mais reservado da loja, dar-lhe um pichel de vinho novo, uma bucha de pão de centeio e uns restos de mão de vacca, mas tratando sempre desde logo de lhe perguntar pela sua vida.

O filho de Thomaz Ruivo contou sinceramente tudo quanto lhe tinha acontecido, sem se esquecer da sua ultima aventura, a que devia a jornada a Tours. Lourenço foi-o ouvindo soltando exclamações a proposito de tudo, tirando o gorro para o tornar a pôr outra vez, e rindo-se sem ter vontade. Quando o rapaz acabou:

— Muito bem, disse-lhe, já percebo. Tu és um heroe, João, mas não tem duvida. Poderás tosar de vez em quando os caixeiros dos meus visinhos, que se fazem insolentes. Pela minha parte fingirei que não vi. Mas toma sentido! Não te deixes enganar nem infrinjas os regulamentos da feira. Os regulamentos devem ser sagrados para nós os mercadores, sobre tudo porque temos que pagar multa se os infringirmos. Eh! Eh! Eh! Tenho ahi escripto uns apontamentos, que todos os meus caixeiros devem aprender; é preciso que os saibas de cór.

E em quanto ia fallando, abriu uma gaveta d'onde tirou um manuscripto, que tinha tido muito gasto, conforme se via pelas margens muito sujas e esfarrapadas. João encontrou uma especie de cathecismo mercantil, onde o mercador tinha reunido as principaes instrucções necessarias para a sua profissão.

Viu que havia em todas as feiras inspectores dos pesos e das moedas, um tribunal de arbitros que julgavam immediatamente todas as contestações, e muitos notarios especiaes incumbidos de redigir os actos de compra e venda. Estes actos tinham certos privilegios particulares, provindo da feira em que se tinham lavrado; e por ultimo, que muitos guardas, auxiliados pelos burguezes quando era necessario, tinham a seu cargo manter a paz e prender os ladrões.

Soube tambem que se não podia emprestar dinheiro, em commercio mesmo, a mais de quinze por cento, e que o mercador que chamava um comprador, quando este estava mais proximo da loja de outro que da sua, pagava multa.

Seguiam-se depois algumas noções a respeito das diversas qualidades de panno, dos modos de os apresentar melhor aos compradores, e dos preços por que os devia vender. Quando acabou a leitura perguntou João se alli estava tudo.

— Tudo o que se póde escrever, meu rapaz, respondeu mestre Lourenço; mas, além d'isso, ha ainda o fino do officio. Eh! eh! eh! Não basta alugar musicos e foliões para chamar os freguezes, como costumâmos fazer todos; é preciso que os caixeiros saibam elogiar as fazendas, substituir, sendo preciso, um panno mais ligeiro a outro mais forte, e quando medir metter a ourella na medida.

— Mas isso vem a ser culposos enganos, objectou o rapaz.

Mestre Lourenço fez um leve movimento de hombros.

— Amor com amor se paga. É preciso que tratemos como nos tratam. Pensas tu, porventura, que são mais escrupulosos comnosco? Temos por ahi devedores, que, depois de se terem vestido a credito, vão refugiar-se n'uma egreja, e nós não temos direito de lhes penhorar a mobilia. Outros, que depois de nos terem passado cedulas, as transferem para pessoas opulentas, que nos ameaçam com toda a especie de mau tratamento, se não consentimos em lhes reduzir os nossos creditos a metade ou a um terço. Já te não fallo nos bancarroteiros, que nos fogem com o dinheiro.

— Mas não podem conseguir que lhes façam justiça?

[1] Vid. a gravura e artigo a pag. 353 do IV vol.

— Justiça! A justiça é sempre nossa inimiga, meu rapaz, porque os juizes são nobres pela maior parte, e a nobreza é a inimiga natural da burguezia, eh! eh! eh! Os servos queixam-se, mas a sua sorte é mil vezes menos para lamentar do que a nossa. São muito menos perseguidos. Os nobres poupam-n'os a elles, como coisa que lhes pertence, em quanto que nos tratam como prisioneiros que lhes fugiram. Parece-lhes que a nossa independencia foi um roubo feito á sua auctoridade; assim Deus sabe quantas injustiças, quantas faltas de cumprimento de promessas, quantas multas e penas nós soffremos. Os fidalgos mais honrados consideram todo o dinheiro que podem apanhar aos burguezes como sendo uma restituição. Eh! eh! eh!

— Mas ao menos são livres.

De certo que somos, mas sujeitando-nos ás leis da nossa corporação, soffrendo os regulamentos das communas, obedecendo ás ordens do senhor de quem somos vassallos. A nossa liberdade parece-se com a do soldado, que tem de seguir as suas bandeiras, fazer exercicio de certo feitio e obedecer aos seus officiaes.

— Tendes razão, mestre, a verdadeira liberdade não póde existir senão onde ha uma só lei para todos, e uma lei que não prohiba senão o que fôr prejudicial ao maior numero.

É por isso que não temos remedio senão recorrer á astucia. Como não podêmos caminhar em linha recta, vamos serpejando por meio dos regulamentos e dos privilegios, eh! eh! eh! Escondemos o nosso dinheiro e mostramo-nos pequeninhos, quando os nobres não precisam, para o mostrarmos e tornarmo-nos exigentes, quando elles estão em falta, eh! eh! eh! Trabalha, João, trabalha, sem te importar com a fadiga, e ajudar-nos-has um dia a fazer esta guerra de mina á nobreza e ao feudalismo. Em dez annos, se quizeres, pódes já ser dos nossos.

João não respondeu, mas baixou a cabeça com tristeza. O que elle desejára não era a independencia restricta, hypocrita e disputada, que tinha o seu patrão, era o exercicio pleno e livre das suas faculdades. A supposta emancipação do mercador repugnava-lhe tanto como a sua moral, e comprehendeu, immediatamente, que não tinha nascido para ser mercador.

Entretanto o aspecto da grande feira, que começára então em Tours, excitou-lhe ao principio uma especie de admiração. As relações eram n'aquelle tempo muito difficeis, e muito irregulares ainda para que o commercio podesse adquirir estabilidade. As povoações não tinham a quantidade de logistas que tem hoje; os bufarinheiros, que hoje servem só para as aldeias, faziam então quasi todo o negocio. Os grandes centros de população não eram fornecidos dos objectos mais necessarios senão em certas epochas, em que os negociantes ahi combinavam encontrar-se.

Estas feiras, como transformavam as cidades, onde se armavam em verdadeiros centros de commercio, eram favorecidas pelas municipalidades, que faziam os maiores sacrificios para attrahirem os vendedores; algumas havia até, que chegavam a sustentar na estrada bandos de soldados para darem protecção e auxilio aos commerciantes, contra os ladrões de estrada, ou os mata-gallinhas, muito vulgares então.

A feira de Tours, sem ser das mais importantes da França, chamava ainda assim um numero consideravel de vendilhões de fóra. As suas lojas com bandeiras na frente estavam cheias de saltibancos que attrahiam os curiosos. Havia tapeçarias d'Arrhas, pannos de Sedan, doces e confeitarias de Verdun, luveiros de Orleans, que vendiam as celebres luvas de bufalo e de cabrito bordadas e forradas de martha, para segurar os falcões, e que custavam nove libras, isto é, tanto quanto custavam doze alqueires de trigo. Havia tambem os italianos que vendiam as bellas arvores de Milão, e os allemães, que vendiam as armaduras ruins da sua terra. Tambem se encontravam os boticarios que cediam a peso de oiro o succo da canna do mel e a aguardente; os sapateiros que apresentavam calçado de mil feitios com cabedal de Montpellier, os livreiros com os seus manuscriptos enriquecidos de miniaturas, encadernados em veludo, prata doirada e com pedrarias, havendo alguns que podiam custar mil libras; seguiam-se os meridionaes, que mostravam as sedas riquissimas bordadas a prata, a oiro e a perolas; os ourives com as taboletas brilhantes carregadas de taças, copos, pratos lavrados e por ultimo nos arruamentos inferiores estavam os picheleiros, os passarinheiros, os vendedores de cães, os vendilhões de especiarias, e mais abaixo ainda, separados de todos, os judeos, bem conhecidos pelos barretes amarellos, não expondo coisa alguma, mas vendendo tudo, negociando em tudo e ganhando mais do que os outros.

João examinou estes primores e estas riquezas maravilhado; apenas porém lhe passou o primeiro deslumbramento, voltou-lhe a aversão ás velhacarias que via empregar aos negociantes, e ás humilhações a que estavam condemnados.

E como o padre Ambrosio, quando o deixou, lhe recommendára que o fosse visitar ao seu convento, João lembrou-se da recommendação do frade, e apenas teve um domingo livre, foi bater á portaria dos franciscanos.

V

O padre Ambrosio recebeu o moço com aquella bondade carinhosa e facil que dá o costume de consolar os infelizes. Levou-o primeiro ao refeitorio, onde lhe mandou tomar logar entre os noviços que iam sentar-se á mesa; e depois da refeição acabada, mostrou-lhe o convento todo. Viu os pomares cultivados pelos mesmos frades, onde se encontravam os fructos reputados melhores, os claustros onde andavam passeando alguns com as mãos mettidas nas largas mangas, e a cabeça baixa, pensando em Deus e na salvação dos homens; a capella, onde as suas almas se confundiam nos impulsos da reza em commum, e as cellas ornadas só com um crucifixo singelo, symbolo da dedicação e da liberdade.

O padre guardião levou-o depois á bibliotheca onde o pobre rapaz caíu n'um verdadeiro extase. Os manuscriptos postos por ordem e encadernados com todo o aceio, eram em numero de muitas centenas. Ambrosio disse ao joven servo, que eram propriedade do castello. Iam passar para as salas de estudo, quando vieram dizer ao padre guardião, que estava alguem á sua procura. Era um homem que tinha a cara coberta com um panno, e que o vinha consultar para um cargo de consciencia.

João desceu sósinho á cerca, onde encontrou os noviços. Um d'elles reconheceu-o e chamou-o pelo nome: era filho de um visinho de seu pae. João contou-lhe a sua vida e as razões porque estava em Tours.

— Ah! João, porque não has de tu entrar para o nosso convento, disse-lhe o noviço mal lhe ouviu acabar a historia. Estamos aqui fóra do seculo, e ao abrigo das iniquidades; aqui não ha nobres nem villões, gozâmos de liberdade e de egualdade perante Deus. O nosso padre guardião mesmo deve a sua auctoridade á escolha dos outros frades, que reconheceram livremente a superioridade das suas virtudes e da sua experiencia. É o reino do ceo transportado para a terra. A nossa vida consome-se em trabalhos, em obras boas e em orações. Esses senhores que lá fóra escravisam tudo não tem poder em nós, se tocam em nossos direitos, podemos segregal-os, por meio da excommunhão, da sociedade dos christãos; se nos atacam temos as fortificações do convento, que tornam a defesa facil.

— É verdade, disse João, mas essa liberdade, pagae-la com a maior felicidade que o homem póde conhecer na terra; não vêdes nem vossas irmãs, nem vossas mães, não podeis escolher as vossas esposas, nem embalar vossos filhos no regaço. Não poderia eu nunca acceitar uma emancipação que me separasse para sempre de Catharina.

— Volta então para o mundo, João, disse-lhe o noviço, conhecerás em breve, que quantas mais são as ligações que ahi se contraem, tantas mais são as facilidades que se preparam para a dor. Os que nasceram servos como nós, não podem escolher meio de libertação. Se querem dar a liberdade á sua intelligencia e á sua alma, hão de acceitar o sacrificio dos seus instinctos terrestres. O mosteiro é o primeiro desprendimento do envoltorio carnal, é uma especie de iniciação para a vida eterna.

João recolheu a casa pensativo e cheio de incertezas. Apesar das palavras do noviço, a vida do claustro não satisfazia de todo os seus desejos; estava na edade em que se não conta com a realidade, em que todos os sonhos parecem possiveis, e a experiencia não lhe tinha ensinado ainda, que todas as creaturas estão sujeitas á lei da sociedade de que faz parte.

Mas, se não se podia costumar á vida do convento, ainda lhe desagradava mais aquella a que a sorte o condemnára; de modo que o mercador em pouco tempo conheceu que o seu aprendiz mostrava bem poucas disposições. Não podia costumar-se a empregar as subtilezas habituaes. Era tão verdadeiro a vender, como se se estivesse confessando e dizendo: «Isto é bom, isto mediocre, isto mau», conforme a qualidade. O patrão tinha ataques de colera, que se traduziam em injurias de toda a ordem, até que um dia em que João trocára dinheiro antigo por dinheiro novo, que valia menos, posto que corresse pelo mesmo preço, saíu fóra de si e bateu-lhe. O rapaz formou logo tenção: deixou a loja, correu ao rio, e avistando uma grande barca, que ia atravessando, deitou-se a nado para a alcançar.

Os marinheiros receberam-no, e consentiram em transportal-o para Blois.

A barca transportava peças de artilheria feitas de bocados unidos e cintados com arcos de ferro, como aduelas de pipa, conforme era de uso então. O joven servo via pela primeira vez armas d'aquella natureza, e ficou por isso maravilhado devéras. O patrão do barco disse-lhe que o rei tinha doze peças de artilheria muito maiores, a que chamava os doze pares; tinham vinte e quatro pés de comprimento, e eram precisos trinta bois, pelo menos, para puxar cada uma d'ellas; acrescentou mais, que tambem as havia pequenas, que se empregavam descançando-as no hombro de um soldado, e havendo outro atraz d'este para acertar-lhe a pontaria e deitar-lhe fogo.

Chegando a Blois, João despediu-se do marinheiro, e dirigiu-se para Paris; mas o pouco dinheiro que tinha gastou-se depressa, e teve de reccorrer á caridade publica.

Como fosse atravessando os arrabaldes de Orleans, viu um enterro que saía de uma casa de rica apparencia. O caixão era levado pelos pobres da freguezia, e tinha em cima uma figura de cera. A alguns passos de distancia caminhava um comediante vestido com os trajos do defuncto, e imitando-lhe tão admiravelmente porte, gestos e andar, que a familia e os amigos que o seguiam debulhavam-se em pranto ao vel-o. O João, tendo sabido que o defuncto mandára dar uma boa esmola a cada pobre que se apresentasse no dia dia do enterro, foi immediatamente receber a sua parte no testamento.

Entretanto ia continuando sempre a caminhar para Paris, e uma noite chegou ao cimo de uma collina, d'onde a vista não alcançava senão mattos e bosques, sem vestigios alguns de povoação. Começava-lhe já a dar cuidado passar a noite assim ao relento, quando viu, atraz de um grupo de maceiras bravas, uma delgada columna de fumo. Encaminhou-se para esse lado, e viu uma choupanasita com uma campainha á porta. Esta achava-se aberta, e não apparecia ninguem. A noite ia cerrando-se, e uma geada penetrante começava a cair. João resolveu-se a esperar pelo dono da casa.

Este entrou, cantarolando, d'ahi a pouco. Trazia pendurado a tiracollo um barrilzito, a cujo pipo devia ter recorrido mais de uma vez para se apresentar tão alegre. Ao ver o seu hospede soltou uma gargalhada.

— Viva Deus! Que estrangeiro é este que vem buscar abrigo ao meu palacio? — exclamou elle.

João contou-lhe como tinha entrado.

— Não conheceste a casa? replicou o homem do barrilinho.

— Não, de certo, replicou o servo.

— E não sabes onde estás?

— Por que? Onde é que eu estou?

Como resposta, o recemchegado afastou a pelle de cabra que o envolvia, e deixou ver uma camisola, de cuja cinta pendiam uma matraca e uma taça.

— Um leproso! exclamou João, levantando-se de um pulo.

— Não foi por minha culpa que cá entraste, disse-lhe o lazaro rindo-se.

— Já me retiro, disse o rapaz encaminhando-se para a porta; dizei-me porém, ao menos, se ha alguma povoação proxima.

— A tres legoas de distancia, e tens que atrevessar uma floresta, onde te assassinarão com toda a certeza.

— Embora! Não posso ficar n'esta casa.

— Por que? Tens medo das escamas que me cobrem a cara, e da ulcera que me roe o braço? — perguntou o leproso. Visto isso, passaremos a noite sem este enfeite. E agarrando n'um panno, fez desapparecer os signaes hediondos que o cobriam.

João não póde reter uma exclamação.

— Já vês que a minha lepra é facil de curar, replicou o falso doente rindo-se. Amanhã torno a arranjal-a para ir ao peditorio.

E como o rapaz se demorasse sempre á porta, disse-lhe:

— Vamos lá! Agora não tens nada a temer. Fecha essa porta, e senta-te ahi n'um banco; quero mostrar-te como vivem os lazaros que sabem do officio.

Proferindo estas palavras, aproximou uma mesa do pé da lareira, poz-lhe em cima alguns restos de lingua ensacada, carne de porco, frutas, e o barrilzinho ainda em meio. Obrigando em seguida o seu hospede a sentar-se defronte d'elle, começou a ceiar com uma fome de estudante.

— Pelo que vejo, resolveste fingir uma molestia, que vos separa para sempre dos vivos? — disse João, que olhava para o falso leproso com pasmo e horror.

— Porque essa doença dava-me de comer, em quanto que a minha saude me deixava morrer de fome, respondeu-lhe este. Aqui onde me vês, fui já, e successivamente, moço de matilha, barqueiro, lavrador, correio; mas sempre servo como tu, e por conseguinte miseravel. Tive algum tempo idéas de me converter em ermitão, mas para isso era preciso, segundo me disseram, emancipar-me. Decidi-me então a fazer-me leproso, visto que era o unico meio de viver desafogado, e conforme me désse na cabeça. Um mendigo de Paris ensinára-me a imitar ulceras com massa de milho e de centeio; não me foi difficil passar por leproso. Desde logo fizeram-me casa n'esta collina, deram-me vinha, pomar e vacca; o cura véstiu-me um sudario, resou por mim o officio dos mortos, deitaram-me uma pá de terra em cima da cabeça, e em

seguida fui abandonado por todos, promettendo-me que me forneceriam todas as semanas o que me fosse preciso. E não faltaram ainda.

— Mas não vos podeis aproximar dos outros homens.

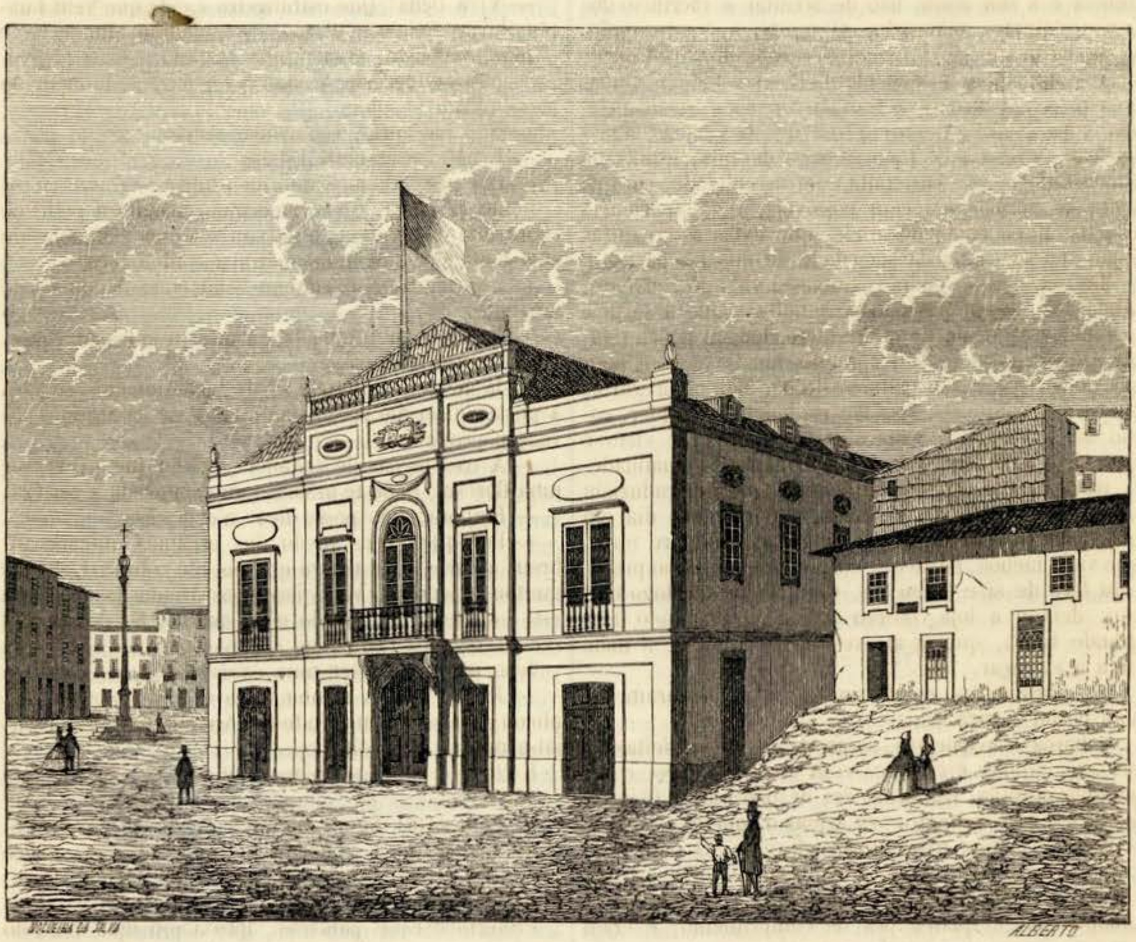
— De certo que não. Estou prohibido de ir a reuniões, de fallar com os que estão do lado contrario ao vento, de beber nas fontes publicas, de passar pelas ruas estreitas, de fallar com as crianças. Inspiro tedio e horror; mas achas que é pagar muito caro a independencia e a liberdade?

— Deus me livre de as conquistar por tal preço, disse João comsigo; mas para que se ha de viver n'um mundo, onde é preciso pagal-as tão caras!

Terminada a refeição, o leproso estendeu por terra uma pelle de cabra, onde o filho de Thomaz passou a noite.

No dia seguinte despediu-se do seu hospedeiro, e seguiu caminho de Paris.

Quanto mais se aproximava de Paris, maior numero de viajantes ia encontrando. Agora era um bando de individuos vestidos de sedas e ornados de plumas e bordaduras; logo alguns archeiros francos, com lorigas e enceladas, ou capacetes sem cimeira, com o



Theatro de S. Giraldo — Desenho de Nogueira da Silva

arco em punho e a espada pendurada ao cinto; mais tarde varios burguezes, que, com destino no seu trafico, se encaminhavam para as cidades proximas. Finalmente appareceu-lhe Paris, sobre a qual se erguia um vasto zimborio fumacento, muitos campanarios, immensos telhados ponteagudos, e rumores de toda natureza.

Foram necessarios muitos dias para que o João percorresse os differentes bairros e visse os muitos palacios e egrejas.

Visitou os diversos edificios, e de admiração em admiração, foi observando quanto encontrava notavel.

O gosto pelo estudo, já disperto em João com as lições do capellão de Rillé, augmentou ainda em vista de todos os recursos que offerecia Paris. Sentia de mais a mais, instinctivamente, que a instrucção era um meio de nobilitar o pensamento, e, por consequencia, uma especie de emancipação. Resolveu pois aproveitar a sua residencia em Paris para seguir os cursos dos professores mais afamados, e iniciar-se assim em estudos de que só conhecêra até então os elementos.

Escreveu n'este sentido a seu pae para o tranquillisar, dando-lhe egualmente conta da sua resolução. Um peregrino, que devia passar por aquelles sitios, incumbiu-se da carta, pois n'aquelles tempos eram os peregrinos os portadores mais seguros. Sem mais fortuna nem haveres, além do bordão, das contas e de um pedaço da vera cruz, não tinham que receiar nem os ladrões de estrada, nem os grandes bandos tão temiveis para outros quaesquer viajantes.

(Continúa)

THEATRO DE S. GIRALDO

Depois de Lisboa e Porto é a cidade de Braga que possue o melhor theatro do paiz. E bem merece tal honra, uma povoação que reune em si tantas memorias historicas de remota antiguidade, titulos honorificos de tão alta significação, monumentos de arte de grande apreço, e uma situação de singular formosura e amenidade.

Foi fundado aquelle theatro, desde os alicerces, por uma empreza particular, organisada, se nos não enganâmos, em 1857. Concluida a obra com o mesmo esmero e diligencia com que fôra principiada, o que nem sempre succede entre nós, foi dedicado o theatro a S. Giraldo, um dos mais venerandos prelados que cingiram a fronte com a mitra primacial de Braga, e ao qual coube em sorte baptisar o primeiro rei de Portugal.

Foi esplendida a todos os respeitos a inauguração do *theatro de S. Giraldo*. Para maior solemnidade da funcção, foi a insigne actriz Emilia das Neves e Sousa, a rainha da scena portugueza, como lhe chamou, com justa razão, um dos nossos mais elegantes escriptores, estreiar e honrar o novo palco, no meio de enthusiasticos applausos.

A architectura da fachada do theatro é singela, mas tem boas proporções, e bastante nobreza e elegancia, como bem se póde julgar á vista da gravura que a representa com muita exactidão. Interiormente dizem que se acha tudo distribuido com acerto, e a sala do espectaculo decorada com graciosa simplicidade.

Está situado o theatro de S. Giraldo em um pequeno largo, junto ao vastissimo *campo de Sant'Anna*. O esbelto padrão em fórma de columna mui delgada, rematando em um crucifixo de excellente lavor, que se vê tambem em a nossa gravura, ergue-se na extremidade occidental d'aquelle campo, proximo das casas que o guarnecem pelo lado do sul.

I. DE VILHENA BARBOSA.

REINADO DE D. AFFONSO VI

(FRAGMENTO)

DESDE A PAZ COM HESPANHA ATÉ AO CASAMENTO DO REGENTE

(Vid. pag. 375)

O secretario de estado pedíra á rainha que fizesse ver este papel a Saint-Romain, declarando-lhe que em consideração á França não quizera o principe que se fallasse no conselho, quando lá se apresentou tal negocio, senão em liga defensiva, na qual não tinha julgado a proposito que Portugal entrasse, ainda que o embaixador de Inglaterra fizesse para isso grandes instancias.

O abbade retirou-se triste d'esta entrevista com a rainha, pensando que em verdade havia uma liga offensiva de todos aquelles principes contra a França. Entretanto, depois da leitura reflectida da memoria, consolou-se mais, e a tal respeito escreveu no dia seguinte a D. Maria a carta e bilhete seguintes:

«Senhora: — Restituo o papel que V. M. me deu hontem de tarde. Elle mostra bem claramente, que o perigo a que os portuguezes se expozeram pelo seu tratado de paz particular está imminente e proximo, e que o conde de Sandwich lhes fizera agora serviço de amigo, advertindo-os antes de trocarem a sua ratificação com a de Hespanha.

«Este papel me diz de positivo que se fez uma liga entre a Inglaterra e a Hollanda para defesa commum, e uma obrigação reciproca de procurarem a paz de França com Hespanha, por meio de uma proposta alternativa de que elle faz menção.

«Esta liga defensiva mostra sómente o temor d'estes principes, e a sua providencia para segurança propria no futuro; mas a obrigação reciproca do segundo tratado está de modo, que não se póde duvidar que seja supposta, e se é verdadeira significa sem duvida que trabalharão para dispor os dois reis inimigos a passarem por uma das condições da alternativa, e que se declararão contra aquelle que a recusar. É a fórma ordinaria e a razão: não podia ser concebida n'outros termos.

«El-rei meu amo, senhora, supplicado ha mezes pelos ministros de Hollanda para dizer com que condições faria pazes com Hespanha, propoz em primeiro logar a satisfação devida a el-rei de Portugal, guardando a fé do tratado de alliança; e depois a alternativa que satisfaria a França. Já declarei e expliquei a V. M. no outro dia as condições d'esta alternativa, e n'uma das memorias que entreguei a Pedro Vieira, contra os ajustes particulares de Portugal, disse que os Estados-Geraes tinham achado a alternativa tão moderada e tão justa, que tinham offerecido a el-rei de França, se sua magestade quizesse rescindir da satisfação a Portugal, obrigarem-se por um tratado a juntarem as suas ás forças da França para obrigarem a Hespanha a concedel-a, quando o não quizesse fazer voluntariamente. Mas os ministros de Portugal, que tem a principal auctoridade, tomaram em pouca consideração o que o ministro de França lhes ponderou a tal respeito, quer de viva voz, quer por escripto!

«Hoje, senhora, depois que os portuguezes não tiveram o mesmo escrupulo que el-rei meu amo, e receberam e tomaram a sua satisfação particular, logo e tal qual lh'a quizeram apresentar, nada mais vejo que impeça el-rei meu amo de receber as offertas e bons officios dos Estados-Geraes e del-rei de Inglaterra, para procurarem a satisfação da França por meio da alternativa que sua magestade propuzera; e pois a Inglaterra e Hollanda a acham justa e razoavel, e se obrigaram a procural-a, não se póde duvidar que os hespanhoes se accommodarão por sua parte, e assim, segundo as noticias do conde de Sandwich, póde contar-se com a paz de França com a Hespanha, e havel-a por feita.

«Tinha vontade de perguntar a algum dos ministros de Portugal o que suppõem fará, depois d'esta paz, o rei de Hespanha das grandes forças que tem em pé de guerra, não só no reino mas fóra d'elle; e se a rainha regente, sua mãe, se esquecerá então do privilegio dos menores, e da resposta que recebeu recentemente de todos os tribunaes, casuistas e jurisconsultos de Hespanha, quando os consultou, se el-rei seu filho, e ella mesma seria obrigada a guardar um tratado de paz, que ella tivesse feito com Portugal. Isto, senhora, é objecto digno de deliberação do conselho de Portugal, para achar meios de preservar, em quanto é tempo, este reino de tão justos temores.

«Quanto ao que disseram a V. M. para o fazer valer diante del-rei meu amo, que o principe, em respeito a sua magestade christianissima, não quizera que no conselho se fallasse do terceiro tratado de liga offensiva, relatado na memoria do embaixador de Inglaterra, fazendo deliberar sómente sobre o de liga defensiva, na qual o conselho não achára conveniente que Portugal entrasse; direi simplesmente a V. M., que esta liga offensiva é sem duvida supposta, como mesmo parece ser na memoria. Quanto á defensiva, se é verdadeira, sei com certeza que os Estados-Geraes não receberão n'ella Portugal, sem que antes lhes satisfaça as grandes sommas que d'elle pretendem, e de que elles se não privarão, como commummente se diz pelos bellos olhos dos inglezes, nem mesmo dos hespanhoes.

«Em Lisboa a 4 de março de 1668.»

O bilhete que acompanhava a carta que acaba de ler-se era concebido n'estes termos:

«Quando a rainha tiver lido o escripto castelhano que hontem me deu, confio que sua magestade ficará convencida de tres coisas. Uma que o terceiro tratado é imaginario, e pura invenção e artificio do conde de Sandwich. Outra que o segundo tratado é suppositicio, ou ao menos referido n'outros termos, que não são os reaes. E em fim, que a paz de França com Hespanha

não vem longe, porque, segundo parece, el-rei christianissimo não fará hoje difficuldade em acceitar as condições de paz, que elle proprio propoz quando não duvidava da fé e da constancia dos portuguezes.

«Acabo de escrever a sua magestade uma carta em fórma a este respeito, mas não posso prescindir de lhe acrescentar este bilhete, para dizer, que se os portuguezes conhecessem o seu interesse e o perigoso estado em que actualmente estão, não ratificariam o seu tratado de paz, antes volveriam a reunir-se á França, por intermedio de sua magestade a rainha.»

No mesmo dia 4 de março, de tarde, discursavam Saint-Romain e a rainha sobre o mesmo objecto.

— Fallarei ao secretario de estado (lhe disse ella) no sentido da vossa carta, mas não vejo nenhuma manifestação de que se impeça ou ao menos demore a troca das ratificações, que devem fazer-se sem demora.

Aquelle francez Benard, que tinha ido a Faro á procura de embarcações para a passagem das tropas francezas, se não as tinha conseguido, trouxera de lá ao menos grande importação de calumnias, exportadas de Cadix pelo consul e mercadores francezes que d'alli tinham saído perseguidos. Recaiam todas nos meios occultos e indecorosos que os hespanhoes teriam empregado para ultimar com tanta brevidade a negociação da paz com Portugal. Entre outras repetiam que o marquez de Trucifal, por intermedio de seu filho, o conde de Torres Vedras, que em Lisboa estivera prisioneiro de guerra, e pelo de uma freira, tinham posto á disposição de certo duque, que andava em favor no novo governo do principe, uma somma de 60.000 pistolas. É de todos os tempos que a paixão e interesse politico não poupem nenhuns meios, nem parem diante das mais repugnantes insinuações! Então, como hoje, como sempre talvez, os homens politicos que figuram no primeiro plano d'esta scena espinhosa, continuarão a ser os mais expostos á suspeita de maculas, que muitas vezes não tem. Felizmente para os innocentes, não são ellas indeleveis, porque o tempo, as mutações e transformações que o acompanham se encarregam de as diluir e lavar.

Mesmo depois de feitas as pazes com Hespanha, continuava o principe a pagar a Schomberg todos os soldos e pensões que até alli tinha, e que montavam a dezeseis mil cruzados por anno. Sobre isto concedêra-lhe mais o titulo de conde para seus filhos, titulo que o conde de Castel-melhor lhe dera sem sobrevivencia. Pela sua parte, Schomberg promettia voltar a servir em Portugal todas as vezes que d'elle carecessem, e não pedir agora dispensa do serviço senão por dez mezes.

No dia 7 communicou o secretario de estado ao abbade Saint-Romain, por intermedio de Schomberg, que o embaixador inglez e o marquez de Liche continuavam com grandes instancias para poderem passar a Hespanha o corpo inglez. Pedro Vieira apregoava muito a constancia do principe em lh'o recusar. Os francezes, porém, já amestrados pela experiencia, e desconfiados em extremo, commentavam e explicavam os factos de outro modo. Segundo elles, não estava ainda feita a capitulação com Hespanha, porque Sandwich esperava instrucções do seu governo ácerca da proposta que lhe fizera para ajustar com o monarcha hespanhol as condições com que o corpo inglez, que estava em Portugal, passaria ao serviço de Castella. Criam por isso cedo para louvar D. Pedro. Se o rei de Inglaterra approvasse tal convenção, e pedisse ao governo portuguez que d'este reino lhe deixasse passar o corpo inglez para Hespanha, então, se o principe persistisse na recusa e obrigasse os inglezes a se embarcarem, é que se podiam reputar valiosos e merecidos os encomios de Pedro Vieira.

No dia 10 de março foi a paz publicada em Lisboa e por todo o reino. Na capital o marquez de Liche seguia em carruagem o arauto que a ia apregoando. As danças e festas que se faziam pelas ruas eram interpretadas pelo partido francez como coisa de pouca significação e sem espontaneidade; via no povo pouca alegria, e que só crianças ou gente expressamente alugada e paga tomavam parte nos festejos.

No dia 13 todos os prisioneiros estavam em liberdade. Nenhum fôra comprimentar o principe, nem mesmo o conde de Torres-Vedras, que era portuguez, e fôra com o tratado de paz reintegrado nos seus bens. Diziam os francezes que o marquez de Liche, para poder fazer o mesmo, pretendia fallar sentado ao principe, sob pretexto de que os duques, em Portugal, tinham este privilegio.

Por aquelles dias deu o conde de Schomberg um jantar ao embaixador de Inglaterra. O marquez de Liche chegou a casa do marechal depois do jantar concluido, e fez chamar á porta o embaixador inglez. Após terem alhi praticado algum tempo é que o marquez entrou, acompanhado de Sandwich, para visitar Schomberg, em paga dos comprimentos que d'elle recebêra quando estivera prisioneiro. Notaram alli que o marquez tomasse sempre a dianteira ao embaixador, e dizia-se que o mesmo fizera nas conferencias para a paz, não obstante não costumarem os embaixadores de Inglaterra ceder primazias nem aos grandes de Hespanha, nem aos embaixadores del-rei catholico. D'aqui inferiam que grande era a dedicação do inglez aos castelhanos, porque, nos poderes do marquez, o governo de Hespanha não lhe dera nem a qualidade de embaixador, nem a de plenipotenciario.

Sandwich, presbyteriano, pouco podia esperar da sua corte quando regressasse a Inglaterra. Não lhe sendo dado pensar em augmentos e protecções, tencionava recolher-se ás suas terras. Dispondo-se a partir para Hespanha no dia 15, fez as despedidas que devia. Dizia-se que o principe o presentearia com dezoito mil cruzados, que receberia em moeda; Roberto Southwell receberia tambem seis mil cruzados em obrigações, pois o dinheiro não chegára para ambos. Eram dois ministros que não pareciam difficeis em taes assumptos: mostravam mesmo accommodar-se facilmente!

O marquez de Liche tambem se propunha partir logo que tivesse regulado o modo da restituição das praças, sem esperar pela execução.

No Porto, em Lamego e n'outras partes do reino, queimava o povo os livros das decimas e meias decimas. Recusava-se pagal-as de futuro, fundado em que o fallecido rei D. João IV, quando as estabelecêra, promettêra abolil-as com a paz. N'um d'aquelles logares fôra o juiz do povo morto pelos amotinados a quem pretendêra oppor-se. Poucos dias havia que Henrique Henriques de Miranda fôra preso na sua quinta, a meia legoa de Lisboa, e mettido na torre de Belem. No dia 18 ou 19 devia ser interrogado.

Nos dias 21 e 22 houve sessões para julgamento do processo da nullidade do casamento da rainha com D. Affonso VI. O negocio apparecêra embaraçoso, e fôra addiado para depois da festa. Entretanto, na manhã do dia 23 mudaram as coisas de tal fórma, que todas as difficuldades a principio encontradas se dissiparam promptamente, e de tarde proferiram os juizes a sentença, que apparece datada do dia 24, qual a rainha de Portugal podia desejar. Mesmo n'essa tarde não faltaram cortezãos a comprimental-a. Saint-Romain, Schomberg e Gravier não foram dos ultimos. Como em segredo, communicou ella n'essa mesma occasião ao enviado francez, que o seu contrato de casamento com o principe estava lavrado, que seria assignado na manhã do dia seguinte, indo o principe de tarde esposal-a secretamente, mesmo nas grades do convento. Poucos dias depois, o abbade Bani partiria

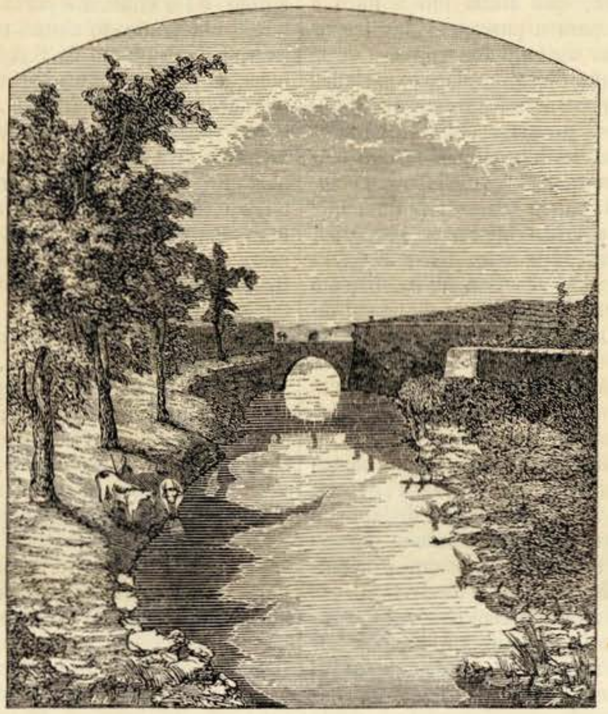
para Roma a impetrar a dispensa papal. D. Pedro augmentava consideravelmente todas as convenções do casamento precedente. Dava-lhe cincoenta mil cruzados annuaes de dote, oitenta mil cruzados de joias, e elevava a casa da rainha a oitenta mil cruzados de renda. Alguns attribuiam a tão subita e favoravel mudança que este negocio acabava de fazer, a egual mudança nos negocios da Europa, á confirmação recebida das perturbações de Inglaterra e saída do rei de Londres, e á tomada do Franco-condado por Luiz XIV em pessoa.

Quando as coisas se passavam assim occultamente, o papel que todos aquelles personagens representavam na scena publica era outro, e calculado adrede. Logo que a sentença de annullação do matrimonio se proferiu, mandou a rainha communicar aos Tres-Estados, por intermedio do seu procurador, o duque de Cadaval, que ia regressar a França, e pedia a restituição do seu dote. As assembléas levantaram-se contra o duque, e foram logo em corporação ao paço pedir ao principe que retivesse a rainha e a esposasse, porque o bem e salvação de Portugal dependiam d'este casamento. Do paço passaram ao convento da Esperança a pedirem á rainha que consentisse n'isso. Mal ella appareceu ás grades da egreja, onde a esperavam, romperam todos em grandes gritos de *Viva a rainha! Não queremos outra rainha!* O marquez de Marialva lhe dirigiu a palavra. Logo que acabou o discurso recomeçaram os vivas, augmentados com os do povo, que de todas as partes tinha accorrido. Depois todos lhe beijaram a mão como a rainha sua, e este exemplo o seguiu o conselho de estado e todos os tribunaes, fazendo, tanto ao principe como á rainha, as mesmas instancias. Entretanto o negocio estava desde muitos mezes resolvido na mente e accôrdo das partes!

Continuou a affirmar-se que o marquez de Liche regressaria a Hespanha sem ir comprimentar o principe. Sob pretexto de ver a torre de Belem, poucos dias atraz, n'ella estivera em conversação particular com o preso Henriques, pelo que muita gente se mostrava escandalisada. A consequencia d'isto foi ser preso tambem o governador da torre; mas ainda que elle fosse mui hespanhol, e se dissesse que do marquez recebêra dinheiro para aquella condescendencia, duvidou-se que por si só ousasse permittir a conferencia.

No proprio dia 24 de março, em que a rainha esperava ser esposada, Francisco Corrêa de Lacerda, mestre do principe, e João de Roxas de Azevedo, seu secretario, procuraram D. Pedro em particular, e lhe disseram (a elle em confidencia, mas no publico em voz bem alta) que, em consciencia, tal casamento se não podia fazer senão depois de obtida a dispensa do papa, devendo para tal fim mandar-se immediatamente a Roma. Houve quem suspeitasse que o partido que então se inclinava á Hespanha procurava em tal occasião ganhar terreno. Pedro Vieira era accusado de ir com elle, e de não ser dos melhor dispostos a favor da rainha. Não havia muito tempo que dera ouvidos, e recebêra sem ordem superior, indo logo apresental-a ao principe, uma proposta de casamento feita a D. Pedro, com uma princeza da casa de Austria. Depois das pazes, Vieira e seus partidarios tinham dito e feito quanto tinham podido secretamente para desviar o espirito do principe do casamento da rainha. Dizia-se mesmo que um ou dias antes do julgamento da causa de annullação do casamento de D. Affonso VI, o marquez de Liche pozera dinheiro á disposição do bispo de Targa, resolvendo, mas já tarde de mais, fazer o mesmo a respeito dos juizes da causa. O secretario de estado, querendo desvanecer algumas suspeitas que a tal respeito entravam em muitos espiritos, foi dizer á rainha, que o marquez de Liche, temendo que o seu negocio encontrasse algumas difficuldades em Roma, offerecia para as aplanar os bons officios de Hespanha.

(Continúa)



Ponte de Algés

PONTE DE ALGÉS

Almeida Garrett, descrevendo a margem norte do Tejo, desde Belem até Paço d'Arcos, exclama: «Não ha palavras que digam todas as bellezas d'aquella terra, d'aquelle ceo, d'aquellas aguas.» [1]

E com effeito, nos arredores de Lisboa, não ha sitio mais pittoresco, mais fertil e salutar que este. Depois de Cintra é de todos o mais concorrido, no verão, pelas familias abastadas da capital.

A gravura junta representa uma das vistas que se gozam da estrada que vae de Pedroiços para Paço d'Arcos. É a ponte de Algés, assim chamada do nome do logar, de poucos moradores, por onde passa uma ribeira, de inverno caudalosa.

Esta ribeira tem origem n'um oiteiro que fica defronte do logar de Monsanto; augmenta-se com as aguas de um regato que tem nascimento a cima do logar de Outorella, e depois de fertilisar a quinta das Romeiras, entra no mar, junto ao antigo forte da Conceição.

No meio do logar de Algés tem esta ribeira uma ponte de pedra, de um só olhal, como a nossa gravura representa.

É este mundo como o monte Calvario, em que se vêem todos os estados dos homens, e todos em cruz. Todos os homens do mundo ou são justos, ou peccadores, ou penitentes. Se sois justos, haveis de ter cruz, porque Christo era justo, ou antes, a mesma justiça, e tinha a sua. Se sois peccador, haveis de ter cruz, porque o mau ladrão era peccador, e estava crucificado. Se sois penitente, tambem haveis de ter cruz, porque o bom ladrão era penitente, e a cruz era a maior parte da sua penitencia.

P. Antonio Vieira.

[1] *Romanceiro* — tom. III pag. 183.